

Nikolai Vassílievitch Gógol

A carta perdida

Um caso narrado pelo diácono da igreja de ***

Tradução do russo por Maria Petrova, Giselle Mussi de Moura

Então vocês querem que eu conte mais sobre o meu avô? Em tal caso, por que não divertir vocês com uma estorinha? Ah, os velhos tempos, os velhos tempos! Que alegria, que júbilo me enche o coração, quando se ouve algo que se passava no mundo há muito, muito tempo, sem ano nem mês definido! E ainda mais quando se enfia nisso algum parente, avô ou bisavô, – aí, então, já era: que eu me engasgue durante o acatisto à grande mártir Bárbara se eu mesmo quase-quase não fizer tudo isso, é como se me metesse na alma do bisavô ou a alma dele estivesse brincando em mim... Não, mas, acima de tudo são as nossas garotas e moças; basta que eu apareça em frente delas que começam: “*Fomá Grigórievitch! Fomá Grigórievitch! conte-nos alguma kázotchka¹ medonha! vai, vai!..*” – não fecham a matraca nunca mais... Com certeza, não tenho dói de contar, mas olha só o que está acontecendo com elas na cama. Sei que cada uma delas treme debaixo do cobertor, como se estivesse convulsionando de febre. A coitada ficaria feliz de mergulhar de cabeça no casaco de pele. Se um rato roer um pote, ou ela própria de algum jeito chutar e derrubar um atiçador – Deus me livre! – fica com os cabelos em pé. E noutra dia – como se nada tivesse acontecido, vem me assediando de novo: conte-me um conto horrível, isso é tudo. O que contar pra vocês então? De súbito nada me vem à mente... Ah, sim, vou contar pra vocês como as bruxas jogaram *dúren* com o defunto vovô. Mas lhes rogo previamente, senhores, não me distraiam, ou isso vai virar um xarope tão ruim que será embaraçoso tomá-lo. O defunto vô, é preciso dizer pra vocês, não era no seu tempo dos cossacos simples. Sabia colocar os pontos e os acentos no lugar certo. Durante as festas, acontecia de ele ler em voz alta o “Apóstolo” tão bem, que até algum filho de sacerdote se escondia. Bom, vocês sabem, que naqueles tempos, para juntar os letrados de toda a cidade de Baturin nem precisaria de um saco, – todos eles dariam um punhado só. Por isso, não é surpreendente que todo fulano se curvava ao ver o vô.

Uma vez um nobre *hetman* atinou de mandar, por alguma razão, uma carta a tzarina. O então escrivão regimental, – que o tinioso o carregue, nem lembro do apelido dele... Viskriák, não é Viskriák, Motúzotchka, não é Motúzotchka, Golopútsek, não é Golopútsek... sei apenas

¹Kázka (ucr.) – conto maravilhoso; kázotchka – continho. Toda expressão em itálico aparece em ucraniano no original. Daqui em diante, todos os significados das palavras em itálico estarão no final do conto, no glossário.

que esse apelido esquisito começava de algum jeito curioso – chamou o vô e lhe disse que o próprio *hetman* lhe deu ordem para levar uma carta à tzarina. O vô não gostava de demorar para se aprontar: costurou a carta por dentro do chapéu; tirou o cavalo do estábulo; beijou na bochecha a esposa e os seus dois, como ele mesmo chamava, porquinhos, um dos quais era o próprio pai de quem vos fala; e na saída deixou tanta poeira para trás, como se quinze rapazes resolvessem se jogar um em cima do outro no meio da rua. No outro dia, o galo ainda não cantara pela quarta vez, e o vô já estava em Konotop. Naquela hora, acontecia ali uma feira: tanto povo se dispersou nas ruas que ofuscava os olhos. Mas, como era cedo, todos ainda cochilavam, estendidos no chão. Ao lado de uma vaca, estava deitado um rapaz festeiro de nariz avermelhado, como um pisco-chilheiro; nas proximidades, sentada, uma vendedora roncava, com pederneiras, anil, chumbinho e rosquinhas; debaixo duma telega um cigano estava deitado; numa carroça – um *tchumak*; e bem no meio da estrada esticava as pernas um barbudo *moscal*, com cintos e luvas... Pois bem, uma corja de toda espécie, como sempre há nas feiras. O vô parou para observar tudo melhor. No entanto, as barracas pouco a pouco se animavam: as judias começaram a tilintar os cantis; os anéis de fumo se dispersaram num lugar e outro, e o cheiro dos doces quentes se espalhou por todo o acampamento. O vô acabou por lembrar que não tinha nem pederneira, nem tabaco em mãos: então foi perambular pela feira. Mal conseguiu dar vinte passos – ao seu encontro surgiu um *zaporójetz*. Festança estava estampada em seu rosto. Bombachas vermelhas, como fogo, casacão azul-escuro, um cinto de cores vivas; na cintura, um sabre e um cachimbo com uma corrente de cobre descendo até os pés – um *zaporójetz* sem tirar nem pôr! Ah, que povo! Levantará, endireitará os ombros, passará a mão no suntuoso bigode, baterá com as solas do calçado e – cairá na dança! E como dançará: as pernas girarão igual a um fuso nas mãos de uma baba; dedilharão, como um vendaval, todas as cordas da bandurra e neste momento, já tendo encostado as mãos na cintura, voarão na *prisiádka*; inundarão o lugar com sua cantoria – vê-se a alma dançando! Eh, esses tempos já passaram: já não se vê os *zaporójetz*! Assim eles se encontraram. Conversa vai, conversa vem, afinal, quanto tempo precisa para se fazer uma amizade? Foram batendo papo, batendo papo, até que o vô esqueceu-se quase completamente do seu destino. Começou uma farra, como em uma festa de casamento antes da Quaresma. Porém, parece que, finalmente, eles ficaram entediados de quebrar os potes e desperdiçar dinheiro com as pessoas, e, também, a feira não pode ficar ali para sempre! Então combinaram os dois novos companheiros que não se separariam e seguiriam o caminho juntos. Já estava anoitecendo faz tempo quando eles saíram ao campo. O sol repousou; aqui e ali no lugar dele brilhavam feixes avermelhados; no campo, os prados tremeluziam, como as saias festivas das jovens de olhos negros. A tagarelice do nosso *zaporójetz* tornou-se irrefreável. O vô

e um outro festeiro que grudou neles já começaram a duvidar se ele não estaria possuído pelo demônio. De onde vinha tudo aquilo? As histórias e as anedotas eram tão incríveis que várias vezes o vô se agarrou à barriga e mal rachou o bico de tanta gargalhada. Mas, quanto mais avançavam, tanto mais escurecia, e, ao mesmo tempo, ficava cada vez mais incoerente a fala dos valentes. Por fim, o nosso narrador se calou completamente e chegava a estremecer ao ouvir o menor ruído.

– Eh, eh, conterrâneo! Fala sério, você está vendo estrelas! Já está pensando em ir para casa e deitar na *piétch*!

– Não preciso ocultar o meu segredo de vocês, – disse ele, de repente olhando ao redor e cravando neles os seus olhos imóveis. – Vocês sabem que faz muito tempo que a minha alma foi vendida ao espírito impuro?

– Grande coisa! Quem na sua vida não conheceu o espírito impuro? Portanto, devemos nos divertir, como eles dizem, até bater as botas.

– Ah, rapazes! Divertiria-me, mas nesta noite chega ao fim o prazo do rapagão! Ah, irmãozinhos! – disse ele, apertando as mãos deles, – ah, não me entreguem! Não durmam nesta noite, nunca na minha vida vou esquecer a sua amizade!

Por que não dar uma mãozinha em tal miséria? O vô foi logo avisando que antes deixaria alguém cortar um *osieliédets* da sua própria cabeça do que tolerar o diabo farejado a sua alma cristã com o seu focinho.

Nossos cossacos talvez prosseguissem mais adiante se o céu inteiro não fosse encoberto pela noite, como se fosse por um pano preto, e o campo ficou tão escuro como debaixo de um casaco de pele de carneiro. De longe parecia só haver uma luzinha, mas os cavalos, pressentindo um estábulo próximo, se apressaram, apurando os ouvidos e cravando o olhar nas trevas. Parecia que a luzinha voava ao encontro deles, e logo diante dos cossacos surgiu uma taberna, torta de um lado, feito uma *baba* voltando de uma divertida festa de batizado. Naqueles tempos as tabernas não eram as mesmas de hoje. Não tinha nenhum espacinho para uma boa alma se esticar, nem para entrar numa *górlitsa* ou num *gopak*, nem para se deitar, quando a birita sobe à cabeça e as pernas começam a fraquejar. O quintal estava superlotado pelas carroças dos *tchumaks*; debaixo dos toldos, na manjedoura, na entrada, dormiam enrolados e desenrolados, e todos roncavam como gatos. O taberneiro sozinho em frente à luminária gravava num pauzinho quantas *quartas e oitavas* de vodca a sede dos *tchumaks* esvaziava. O vô, pedindo o terço de uma garrafa para três, dirigiu-se ao palheiro. Todos os três se deitaram um ao lado do outro. Porém, mal conseguiu ele se virar quando viu que os conterrâneos dele já estavam dormindo feito mortos. Despertou o terceiro cossaco, aquele que havia grudado neles, o vô lhe lembrou sobre a

promessa que fizeram a seu companheiro. Este levantou-se, esfregou os olhos e adormeceu de novo. Nada podia ser feito, tinha que ficar de guarda sozinho. Para dispersar o sono de algum jeito, ele examinou todas as carroças, checkou os cavalos, fumou um cachimbo, voltou e sentou-se novamente ao lado dos colegas. O silêncio era tão profundo que parecia que nenhuma mosca voava. E lhe afigurava que atrás da carroça vizinha algo cinza exibia os cornos... Aí os olhos dele começaram a se fechar tanto, que ele foi obrigado a esfregá-los a cada minuto com as costas da mão e lavá-los com a vodca restante. Mas, logo que a vista clareava, tudo desaparecia. Enfim, pouco depois, de novo o monstro apareceu debaixo da carroça... O vô esbugalhou os olhos o quanto pôde; mas a maldita sonolência enevoava tudo na sua frente; suas mãos petrificaram; a cabeça tombou, e um sono profundo pegou-o de tal modo que ele caiu feito um morto. Por muito tempo dormiu o vô, e o sol já queimara bastante seu cocuruto raspado quando ele se ergueu de um pulo. Ao se esticar algumas vezes e coçar as costas, notou que já não havia tantas carroças como de noite. Aparentemente, os *tchumaks* retiraram-se ainda de madrugada. Dirigiu-se aos seus amigos – o cossaco dormia, mas o *zaporójetz* não estava ali. Pôs-se a inquirir as pessoas, mas ninguém sabia de nada; somente o camisolão ficara no lugar dele. O susto e o receio pegaram o vovô. Foi dar uma olhada nos cavalos – nem o seu, nem o do *zaporójetz* estavam ali! O que isso poderia significar? Supomos que o *zaporójetz* foi pego por uma força maligna, mas quem pegou os cavalos? Percebendo tudo, o vô chegou à conclusão de que, provavelmente, o diabo chegara a pé, e como o inferno não é próximo, resolvera furtar o seu cavalo. Sentia uma forte dor porque não cumpriu sua palavra de cossaco. “Então, – pensou ele, – nada se pode fazer, vou a pé: quiçá caia no meu caminho algum revendedor voltando da feira, de algum jeito comprarei um cavalo.” Lembrou-se de repente do chapéu – mas o chapéu não estava ali. O defunto vô ergueu os braços quando lembrou que ainda ontem trocara temporariamente de chapéu com o *zaporójetz*. Quem mais poderia tê-lo furtado senão o tinioso. E lá se foi para as cucuias o mensageiro do *hetman*! E lá se foi a carta à *tzarina*! Aí o vô pôs-se a alimentar o diabo com tais alcunhas que, eu suponho, naquela hora no inferno sua orelha deve ter ficado para lá de vermelha. Mas a palavrada pouco ajudava: e por mais que o vô coçasse a cabeça, ele não conseguia atinar nada de jeito nenhum. O que fazer? Apressou-se a caçar as ideias dos outros: reuniu todas as boas almas que estavam na taberna, os *tchumaks* e os viajantes simples, e contou timentim por timentim como ocorreu o tal infortúnio. Os *tchumaks* pensavam por muito tempo, com o queixo encostado nos seus bordões, agitando a cabeça, e disseram que nunca tinham ouvido de um acontecimento tão extraordinário no mundo cristão, que a carta do *hetman* poderia ter sido furtada pelo diabo. Outros acrescentaram que, quando o diabo ou um *moscal* furtam algo, é melhor esquecer. Somente o taberneiro ficou calado no canto. Aí o vô foi até ele. Porque quando

um homem fica calado isso é, provavelmente, porque tem muita coisa na cabeça. Só que o dono não era muito generoso com as palavras. Se o vô não colocasse a mão no bolso para tirar cinco moedas para ele, ficaria parado ali em vão.

– Vou te ensinar a achar a carta – disse ele ao vô, afastando-o dos outros. O coração do vô sentiu um alívio. – Vejo logo em seus olhos que você é um cossaco, não uma *baba*. Preste atenção! Perto da taberna tem uma curva à direita em direção à floresta. Você tem que estar pronto logo que começar a escurecer. Na floresta moram os ciganos que saem dos seus covis para forjar ferro nas noites em que só as bruxas voam nos seus atizadores. Como eles fazem para viver de verdade não é da sua conta. Vai ter muito ruído na floresta, mas não vá na direção de onde vem o ruído; e surgirá na sua frente um atalho estreito. Passando uma árvore queimada, siga pelo atalho, continue andando... O abrunheiro vai te arranhar, a densa aveleira irá obstruir o seu caminho – mas você deve continuar; e quando chegar a um pequeno rio, só então poderá parar. Ali você vai ver quem precisa; só não se esqueça de encher os bolsos com aquilo para o qual os bolsos são feitos... Entenda que este bem é amado por ambos, diabos e pessoas. – Ao dizer isso, o taberneiro se retirou para seu buraco e não queria falar nenhuma palavra a mais.

O defunto vô não era dos medrosos; já aconteceu de ele encontrar um lobo e pegá-lo diretamente pelo rabo; já atravessara uma multidão de cossacos somente com o punho em riste – todos caíram no chão como peras. Entretanto, sentiu um arrepio quando entrou na floresta numa noite tão profunda. Nem uma estrelinha no céu. Estava escuro e abafado como numa adega; somente podia ouvir como, bem lá no alto, em cima da cabeça, o vento frio passeava pelos cumes das árvores, e as árvores, como as cabeças inebriadas dos cossacos, cambaleavam, sussurando uma fala bêbada com as folhas. Logo soprou um vento tão frio que o vô se lembrou do seu casaco de pele, e, de repente, ouviu um som tão alto que sentiu um zumbido na cabeça, como se fosse de cem martelos batendo. E, como pela fulguração, por um minuto, toda a floresta ficou iluminada. Nesse instante o vô viu o atalho infiltrando-se entre a moita miúda. Aqui estão a árvore queimada e os arbustos de aveleira! É assim, assim mesmo, como lhe havia dito; não, o taberneiro não mentiu. Contudo, não era muito divertido arrastar-se através dos arbustos espinhosos; nunca na sua vida ele havia visto malditos acúleos e galhos que arranhavam causando tanta dor: quase que a cada passo ele era pego pela vontade de dar um grito. Pouco a pouco saiu para um lugar espaçoso e, pelo que podia notar, as árvores rareavam e, quanto mais longe, maiores se tornavam, como o vô nunca havia visto até as fronteiras da Polônia. De súbito, entre as árvores tremulou um rio, preto como aço escuro. Por muito tempo o vô ficou parado ao lado da margem, olhando para todos os lados. Na outra margem um fogo ardia e parecia que estava a pouco de se extinguir, e de novo se refletia no rio, tremendo feito um nobre polonês nas

manoplas de um cossaco. Olha só, uma pequena ponte! “Vixe, aqui mesmo só uma carriola demoníaca poderia passar.” O vô, todavia, pisou nela com audácia e, antes que alguém tirasse uma tabaqueira para cheirar rapé, já estava do outro lado do rio. Só agora enxergara que ao lado do fogo sentavam pessoas, com carrancas tão belas que em outros tempos daria Deus sabe o quê para se esquivar deste encontro. Mas agora não tinha outro jeito, devia travar conhecimento. Por isso o vô se curvou a eles: “Deus lhes ajude, boas almas!”. Se pelo menos um acenasse a cabeça; todos ficaram sentados e calados e despejavam algo no fogo. Ao ver um lugar vago, o vô sem rodeios se sentou também. Nem as belas carrancas, nem o vô nada falaram. Por muito tempo ficaram calados. O vô já começava a sentir tédio; foi apalpando o bolso, tirou o cachimbo, olhou ao redor – ninguém olhava para ele. “Já, vossas mercês, por gentileza: como poderia dizer, de algum jeito... (o vô morou bastante tempo na sociedade e sabia como se portar, possivelmente não cairia na lama nem mesmo na frente do tzar), para que eu, por assim dizer, não me deixe esquecer e não ofendê-los, – tenho um cachimbo, mas aquilo com o que acendê-lo, o diabo levou.” Não ouviu nenhuma palavra em resposta; só uma das carrancas empurrou um tição quente diretamente em direção à testa do vô, e, se ele não se afastasse a tempo, é bem provável que se despediria de um de seus olhos para sempre. Ao perceber, finalmente, que o tempo passava em vão, ousou, independente se a tribo impura ia escutá-lo ou não, falar sobre o assunto. As carrancas apuraram os ouvidos e estenderam as manoplas. O vô compreendeu: encheu a mão com todo o dinheiro que tinha e jogou no meio deles, como para os cachorros. Logo que jogou o dinheiro, tudo se embaralhou na frente dele, a terra tremeu e, como que – ele já não sabia mais contar – se achou quase no próprio inferno. “Deus meu!” – exclamou o vô ao enxergar melhor: que monstros! Carrancas, como eles dizem, a perder de vista. Um sem-número de bruxas, como às vezes a neve que cai no Natal: enfeitadas e pintadas que nem dondocas numa feira. E todos que haviam ali, como os ébrios, estavam envolvidos em algum baile infernal. Levantaram tanta poeira, Deus me livre! O temor pegaria qualquer cristão que visse a altura que a tribo demoníaca saltava. O vô, apesar de todo o medo, foi atacado pelo riso quando viu como os diabos, com seus focinhos, de pernas alemãs, virando os rabos, estavam cortejando as bruxas que nem os rapazes perto das moças, e os músicos batiam as suas bochechas com os punhos fechados como em pandeiros e com os narizes sopravam feito trompas. Mal avistaram o vô, se atiraram sobre ele numa horda. Focinhos de porcos, cachorros, bodes, grou, cavalos – todos se esticavam e agorinha mesmo faziam de tudo para beijá-lo. O vô cuspiu de tanto nojo. Enfim eles pegaram-no e o puseram numa mesa que tinha o comprimento, talvez, do caminho de Konotop até Baturin. “Bem, isto ainda não é tão ruim”, pensou o vô ao ver na mesa carne suína, salsichas, cebola picada com repolho e muitas outras guloseimas. “Parece que esses canalhas do diabo ignoram os

jejuns.” O vô apesar de tudo, é preciso saber, não deixava a oportunidade de lambiscar uma coisa ou outra. O defunto sempre comia com apetite e por isso, sem falar mais, puxou uma tigela com toucinho cortado e um pernil, pegou um garfo pouco menor que os forcados com os quais o mujique colhe feno, espetou um pedaço mais pesado, colocou-o numa casca de pão e – olha só, dirigiu-o para a boca de outro! Até aqui mesmo, ao lado das suas orelhas, dava para ouvir por toda a mesa como o focinho de alguém mastigava e os dentes trincavam. O vô não ligou; agarrou outro pedaço, e este quase já roçava os lábios, mas de novo não foi para sua garganta. Pela terceira vez, errou de novo. O vô encolerizou-se; esqueceu do medo e em que garras estava. Deu um salto em direção às bruxas:

– Vocês, tribo de Herodes, decidiram zombar de mim? Se agora mesmo não me devolverem meu chapéu de cossaco, então que me chamem de católico se não fizer os seus focinhos suínos aparecerem na nuca!

Mal terminara de dizer as últimas palavras quando todos os monstros arreganharam os dentes e soltaram tanta gargalhada que a alma do vô congelou.

– Tá bom! – ganiu uma das bruxas que o vô julgou por superior porque a fisionomia dela era quase a mais bela de todas. – Devolveremos o seu chapéu, mas não antes que você jogue *dúren* conosco três vezes!

O que você aconselharia a fazer? Como poderia um cossaco jogar *dúren* com as *babas*! O vô se esquivava, se esquivava, mas por fim se sentou na mesa. Trouxeram as cartas, tão ensebadas – com cartas assim nossas filhas de sacerdote leem sobre futuros noivos.

– Escute então! – latiu a bruxa de novo – se você ganhar ao menos uma vez, o chapéu é seu; se nas três vezes ficar no lugar do burro, aí, não fique zangado: não vai ver mais não só o chapéu, mas, talvez, até veja o seu fim!

– Distribua, distribua as cartas, velha louca! O que será será.

E as cartas foram distribuídas. O vô pegou as suas nas mãos – nem queria olhar de novo de tão fraca que era a mão, e, para completar a piada, nenhum trunfo. Do naipe, a maior carta era um dez, nenhum par, e a bruxa amontoava seus cinco. Foi obrigado a ficar no lugar do burro. Mal o vô virou o burro que de todos os lados os focinhos relincharam, latiram, grunhiram: “Burro, burro, burro!”.

– Que todos vocês estourem, tribo diabólica! – gritou o vô, tapando as orelhas com os dedos.

“Eh, – pensou ele, – a bruxa fez macete com as cartas; agora eu próprio vou distribuir.” Distribuiu. Conseguiu um trunfo. Olhou nas cartas: o naipe estava ótimo, havia trunfos. E no começo o processo estava se encaminhando do melhor jeito possível; só que a bruxa jogou um

cinco com os reis! O vô só tinha trunfos nas mãos; sem pensar, sem demora, arrancou os bigodes de todos os reis com os trunfos.

– Eh, eh! Isso não é comportamento de cossaco! Com o que você está cobrindo, conterrâneo?

– Mas como? Com os trunfos!

– Pode ser que a seu modo seja o trunfo, mas a nosso – não!

Olhou – era na verdade um naipe simples. Que bruxaria é essa! Foi obrigado a ser o burro outra vez, e a diabada de novo pôs-se a se esgolear “Burro, burro!” com tanta força que a mesa tremia e as cartas pulavam. O vô esquentou-se, distribuiu pela última vez. De novo estava tudo bem. A bruxa de novo saiu com o cinco; o vô cobriu-o e pegou do monte a mão inteira dos trunfos.

– Trunfo! – gritou ele, socando tão forte a mesa com a carta que ela se dobrou; a bruxa, sem falar nada, colocou o oito do naipe.

– E com o que você está se defendendo, seu velho diabo!

A bruxa levantou a carta: debaixo desta era um simples seis.

– Vixe, sortilégio demoníaco! – disse o vô e de irritação socou a mesa com o punho com toda a força.

Era ainda a sua sorte que a bruxa tinha um naipe ruim; o vô, como se fosse de propósito, naquela hora tinha pares. Começou a pegar as cartas do monte, mas não aguentava mais: estava vindo tanto lixo que o vô abaixou as mãos. Não tinha mais nenhuma carta no monte. Já saiu sem olhar com um simples seis; a bruxa levou-o. “Olha só! Que é isso? Eh, pelo visto algo não está certo aqui!” Aí o vô às escondidas colocou as cartas debaixo da mesa e benzeu-as; em seguida tinha nas mãos um ás, um rei e um valete de trunfos, e em vez do seis que ele desperdiçara, havia um mulherão.

– Ah, que burro eu fui! Rei dos trunfos! E aí, pegou? Sua criatura felina!... Que tal tomar um ás? Ás! Valete!..

Um trovão se espalhou no inferno, a bruxa foi atacada por convulsões, e do nada apareceu o chapéu – se lançou direitinho na cara do vô.

– Não, isso não é suficiente! – gritou o vô, se encorajando e pondo o chapéu. – Se agora não aparecer na minha frente meu cavalo dos valentes, aí que me mate um raio neste mesmo lugar impuro, senão eu persigno todos vocês com a cruz santa! – e já havia levantado a mão quando de repente ribombaram diante dele os ossos do cavalo.

– Aqui está seu cavalo!

O coitado chorou feito uma criança inocente ao vê-los. Lastimou pelo velho amigo!

– Me deem algum cavalo então para eu me livrar da sua toca!

O diabo deu um estalo com a chibata – em seguida um cavalo se empinou debaixo dele, como um fogo, e o vô voou para cima que nem um pássaro. O medo, portanto, pegou-o no meio do caminho quando o cavalo, não obedecendo nem gritos nem rédeas, galopava através das fossas e dos pântanos. Quantos lugares ele não visitou – ficava com arrepios só de contar isso. Deu uma olhada debaixo dos pés – e se assustou ainda mais: um precipício! Um barranco horrível! Mas a fera satânica não ligava: pulou diretamente através dele. O vô tentou manter-se firme, mas não teve sorte. Através dos troncos e cômoros, ele caiu a toda pressa no barranco e lá embaixo deu contra a terra com tanta força que parecia ter dado seu último suspiro. Pelo menos não se lembrava de nada do que estava acontecendo com ele nesse tempo, e quando pouco a pouco voltou a si e olhou ao redor, já amanhecera completamente; perante dele surgiram lugares conhecidos, e ele estava deitado no telhado da sua própria casa.

O vô persignou-se quando desceu. Que diabrura é essa! Que espanto, que prodígios acontecem com um homem! Olhou suas mãos – cobertas de sangue; deu uma olhada no barril de água que ficava ali perto – o rosto também estava. Lavou-se bem para não assustar as crianças, entrou com cautela em casa; viu as crianças, assustadas, vindo de costas em sua direção e gesticulando, dizendo: “*Olha, olha, a mãe está saltando feito uma doida!*”². E realmente, a *baba* estava sentada, dormindo em frente ao pente, segurava na mão o fuso e, sonolenta, saltava no banco. O vô, tomando a mão dela silenciosamente, acordou-a: “Oi, mulher! Você está bem?” Ela contemplou-o por muito tempo, esbugalhando os olhos e enfim reconheceu o vô e contou para ele que estava tendo um sonho em que a *piétch* andava pela casa, atirando potes, selhas e o diabo sabe o quê mais para fora com uma pá. “Então, – disse o vô, – você viu em sonho, e eu, na realidade. Pelo que eu vejo, será preciso benzer nossa casa; mas agora não posso me demorar.” Ao dizer isso e descansar um pouquinho, o vô arrumou um cavalo, então não parou dia e noite até chegar ao lugar onde entregaria a carta à própria *tzarina*. Ali o vô contemplou tantas maravilhas que tinha muito o que contar depois: como foi conduzido ao palácio, tão alto, que se colocassem umas dez casas uma em cima da outra, assim mesmo, provavelmente, não o alcançariam. Como ele espiou em um quarto – ela não estava ali; em outro – nada; num terceiro – também não estava; até no quarto não estava; e apenas no quinto, olha só, estava sentada ela mesma, com uma coroa de ouro, numa camisola cinza novinha, de botas vermelhas e comendo *galúchkas* de ouro. Como ela mandou encher o chapéu dele inteiro com notas de cinco rublos, como... nem dá para lembrar tudo. A sua peripécia com os diabos o vô deixou esquecida, e se por

² No original, em ucraniano.

acaso alguém o lembrasse disso, o vô ficava quieto, como se o caso não se referisse a ele, e dava muito trabalho convencê-lo a relatar como tudo aconteceu. E, aparentemente, para castigá-lo por ter demorado para benzer a casa, todo ano, na mesma época, a *baba* passava por tanta coisa esquisita que a forçava dançar, e isso é tudo. Nem começava a fazer algo que as pernas intentavam outra coisa, e assim lhe obrigavam a cair na *prisiádka*.

Glossário

Dúren ou **durak** é um jogo de cartas popular na Rússia, Ucrânia, Belorússia e outros países eslavos. No jogo é usado um baralho de 36 cartas (às vezes – 52, dependendo da quantidade de jogadores) e participam de 2 a 8 jogadores. No começo, cada jogador recebe 6 cartas, a carta seguinte vira o trunfo e é colocada embaixo do monte, com a frente virada para cima. Todas as cartas deste naipe serão trunfos durante a rodada. O objetivo do jogo é livrar-se de todas as cartas. O último jogador que ficar com cartas na mão é chamado de *durak*, que, em russo, significa burro.

O jogador com o menor trunfo (no conto de Gógol é o 5) começa o jogo. Ele ataca o jogador à sua esquerda, que se defende cobrindo a carta do atacante com uma carta maior do mesmo naipe ou com qualquer trunfo. Em caso de ataque com um trunfo, só é possível se defender com um trunfo maior. Se o jogador-atacante tem alguma carta do mesmo número ou a mesma figura que já estão na mesa (um par), ele pode atacar de novo com essa carta; os outros jogadores também podem atacar com os pares, exceto aquele que está se defendendo. A mão acaba se o jogador que está se defendendo conseguir cobrir todas as cartas do atacante. Senão, todas elas vão para sua mão. Depois de uma rodada os jogadores pegam do monte o número das cartas para ficar com 6 cartas na mão, e a próxima rodada é do jogador à esquerda.

Galúchkas – prato ucraniano à base de bolinhos de massa cozidos em caldo.

Gopak – dança popular ucraniana, masculina. Inclui pulos, *prisiádkas*, viradas.

Górlitsa – dança popular do século XIX, de origem polonesa. É dançada em par, de modo doce e lírico, com movimentos circulares.

Hetman – chefe eleito do exército cossaco na Ucrânia desde o século XVI; a partir do século XVIII passou a ser governador da Ucrânia.

Moscal – alcunha que os ucranianos usam para qualquer russo.

Oitava – medida de bebida alcoólica, equivalente a 60 ml; uma quarta equivale a 120 ml.

Osieliédets – madeixa de cabelo no topo da cabeça, típica dos cossacos.

Piétch – fogão a lenha típico russo, usado não só para preparar e aquecer comida, mas também para esquentar toda a casa; as pessoas usavam sua superfície como leito.

Prisiádka – dança típica russa e ucraniana que necessita de grande força nas pernas, consiste em pulos com flexão dos joelhos e no apoio do corpo nas pontas dos pés.

Tchumak – negociante que vendia sal na Ucrânia entre os séculos XVII e XIX.

Zaporójetz – cossaco membro da Zaporójskaia Sietch, organização independente dos cossacos ucranianos, que existiu entre os séculos XVI e XVIII.